

# Por um feminismo materialista e *queer*\*

SOPHIE NOYÉ\*\*

Este artigo se propõe a fazer uma leitura crítica e teórica da virada materialista *queer*, com o objetivo de dialogar com as análises feministas materialistas francesas.

## **Introdução: superar a oposição entre feminismos materialistas e teorias e práticas *queer* na França**

Na França, muitas feministas e, em particular, feministas materialistas associam o pensamento *queer* a uma corrente “pós-moderna e pós-estruturalista” (Agone, 2010; Epstein, 2010). Nesse sentido, colocam-no em completa oposição à abordagem marxista e materialista. Na medida em que as teorias e práticas *queer* inspiram-se, em grande medida, em uma reflexão foucaultiana e, dessa forma, se interessam pelas relações de poder múltiplas e difusas e concebem a normatização e a performance das subjetividades de gênero e sexuais, tais teorias não levariam em consideração as dominações sistêmicas e hierárquicas, negligenciando a divisão

---

\* Este artigo é uma continuidade da comunicação proposta pela autora ao ateliê “Materialismos feministas” durante o colóquio *Penser l’émancipation* (Nanterre, fevereiro de 2014). Publicado em *Contretemps: Revue de Critique Communiste*. Disponível em: <<https://www.contretemps.eu/pour-un-feminisme-materialiste-et-queer/>>. Traduzido por Letícia Leite (e-mail: [letticiabrl@gmail.com](mailto:letticiabrl@gmail.com)) e revisado por Maira Abreu.

\*\* Sophie Noyé é atualmente professora ATER (Attaché temporaire d’enseignement et de recherche) na Universidade Paris Est Marne-la-Vallée. Sua tese tem como tema o debate entre feminismo materialista e o *queer* (Sophie Noyé, *Féminisme matérialiste et queer: politique(s) d’un constructivisme radical*, Paris, 2016, 454p., tese [Doutorado em Ciência Política], Sciences Po). E-mail: [sophie.noye@sciences-po.org](mailto:sophie.noye@sciences-po.org)

sexual do trabalho e as relações sociais de gênero. Essas feministas materialistas denunciam a postura idealista, relativista, individualista e até naturalista das políticas *queer*; elas(es) criticam sua incapacidade de levar em conta estratégias de resistência coletiva e a sua recusa em buscar a subversão do sistema de gênero e, mais extensivamente, dos sistemas de dominação.

Citaremos, a título de exemplo, os argumentos de duas importantes feministas materialistas francesas, Nicole-Claude Mathieu e Christine Delphy.

Nicole-Claude Mathieu critica vigorosamente a corrente pós-moderna expressa pela teoria *queer* e pela teoria feminista pós-moderna e, em particular, pelos escritos de Judith Butler, em um artigo cujo título é eloquente: “Dérive du genre/stabilité des sexes” [Deriva do gênero/estabilidade dos sexos] (2003). Ela condena a abordagem *queer* por não levar em consideração as relações sociais concretas, materiais, de sexo e de raça. Observa que é ilusório, e mesmo perigoso, considerar o “travestimento” ou o “erotismo generalizado” como uma forma de emancipação, sem atacar as relações sociais desiguais “que têm fundamentos econômicos, jurídicos, culturais, e que são perpetuadas pela violência verbal e física”. No que diz respeito ao “erotismo generalizado, com todas as categorias precedentes misturadas”, e ao “travestimento”, afirma: “Acreditar, como o faz o movimento *queer*, que é possível realizá-lo ‘deslocando’ as categorias de pensamento, sem atacar as suas raízes, é inconsequente, ilógico, e corre-se o risco de que eles sejam reapropriados” (p.299). Evocando seus trabalhos como antropóloga, ela aponta que práticas de travestimento existem em diversas sociedades, mas não impedem que os papéis sociais dominantes sejam atribuídos às “pessoas inicialmente homens” (p.305).

Christine Delphy, em uma intervenção no Congrès International des Recherches Féministes Francophones, em 2012 (Delphy, 2012), expõe de que maneira, a seu ver, a teoria materialista e “a teoria pós-moderna ou *queer*” se opõem. Ela afirma que apenas a primeira é verdadeiramente construtivista e, nesse sentido, permite compreender gênero, raça e sexualidade como construções sociais. Ela lembra que o feminismo materialista concebe a dominação de gênero como um sistema global que hierarquiza a sociedade em duas categorias e associa a dominação de uma em relação a outra em todos os domínios sociais, “econômico, político, sexual e intelectual”. A sexualidade é apenas um dentre esses domínios, que, além do mais, estão relacionados entre si. Christine Delphy entende que a teoria *queer*, ao contrário, considera a opressão apenas pelo viés da sexualidade. Esta, além disso, seria concebida como estando isolada dos outros domínios sociais. A teoria pós-moderna *queer* afirmaria, enfim, que as relações de poder que caracterizam a sexualidade lhe seriam, em alguma medida, inerentes, não sendo resultantes de nenhuma construção social, e que, portanto, seria inútil eliminá-las.

A dissociação entre o pensamento *queer* e a reflexão materialista, compreendida em sentido amplo, não é apenas de responsabilidade das feministas materialistas e/ou marxistas. As(os) teóricas(os) e ativistas *queer* denunciam o essencialismo

e o universalismo implicados na visão monolítica da dominação propostos pelas materialistas e a forma como estas últimas reconduzem as bicategorizações, sobretudo entre homens/mulheres, que são excludentes e normativas. Com relação a isso, é importante observar que as duas abordagens se repreendem mutuamente de fazer uma análise naturalista. O artigo de Marie-Hélène Bourcier, “La fin de la domination masculine: pouvoir des genres, féminismes et post-féminisme queer” [O fim da dominação masculina: poder dos gêneros, feminismos e pós-feminismos *queer*] (2003), ilustra bem, a meu ver, o teor das críticas direcionadas às feministas materialistas pelos defensores da abordagem *queer*.

## 1 – A virada materialista dos estudos *queer*

Gostaria de matizar essa oposição frontal, por vezes violenta, que reflete não apenas um debate de ideias, mas também questões de posicionamento e reconhecimento nos meios militante e acadêmico (Möser, 2013a, p.157-159), destacando pontos de convergência a fim de pensar possibilidades de aliança.

Aliança que, ao que me parece, podemos fazer de forma bastante espontânea, por intermédio de nossas leituras e nas nossas lutas. Seria preciso estudar, de forma mais precisa, em que medida uma parcela da nova geração de feministas, que começou a militar nos anos 2000, nutriu-se tanto da leitura e das análises de Christine Delphy sobre o patriarcado quanto daquela dos “problemas de gênero” de Judith Butler. De que maneira essa dupla filiação se traduz no nosso feminismo? Também seria interessante perceber de que modo a militância feminista francesa dita “minoritária”, que luta contra a putafobia, a transfobia e a islamofobia, e se inscreve com frequência em uma corrente anticapitalista, antirracista e antifascista, pode unir na prática perspectivas *queer* e “materialistas”. Esse feminismo milita, de fato, pela (e com a) “subversão” sexual e de gênero, mas também pela “abolição” das desigualdades estruturais entre mulheres e homens e, de forma mais abrangente, contra a violência de um sistema estatal e econômico.

Em meu entendimento, é tempo de matizar as oposições entre essas duas correntes e de mostrar mais as suas continuidades do que suas divergências, quer dizer, suas percepções construtivistas do gênero e suas perspectivas de transformação social, sobretudo no atual contexto francês de questionamento do “gênero” pelos opositores da “teoria do gênero”<sup>1</sup> e de políticas neoliberais que precarizam de forma ainda mais acentuada as mulheres, as pessoas *queer* e não brancas.

Para fazer isso, vejo duas abordagens úteis, que são igualmente dois projetos a ser desenvolvidos. Por um lado, uma metodologia genealógica que permite retrair a complexidade de cada corrente, nuançando assim a percepção, por vezes fixada e caricatural, que hoje temos de ambas. Por outro, podemos levar em conta as reflexões recentes que buscam, de forma explícita, aliar essas duas perspectivas.

<sup>1</sup> No original, consta *la théorie du djendeur*. A autora faz referência aqui à forma francesa de se pronunciar gênero em inglês, tal como utilizada por alguns dos seus opositores. (N. T.)

A primeira abordagem mostra de que forma as teorias feministas materialistas da segunda onda levaram em conta a especificidade das questões sexuais (Wittig, 2007), assim como as articulações entre diferentes opressões (Kergoat, 2009), e conceberam as subjetividades (Wittig, 2007; Guillaumin, 1978). Esta abordagem se interessa também pelo modo como as teorias *queer* dos anos 1990 puderam desenvolver análises que integram questionamentos materialistas. O pensamento *queer* é normalmente associado à teoria desenvolvida por Judith Butler que, de fato, desenvolve uma análise que poderíamos caracterizar como “pós-moderna e pós-estruturalista”, na medida em que discute sobretudo as teorias de Foucault, Derrida, Lacan e Irigaray, além daquelas de Hegel, Althusser, Freud, Nietzsche, Austin, Beauvoir, Wittig, Rubin e outras.<sup>2</sup> Contudo, Teresa de Lauretis, outra figura “tutelar” dos estudos *queer*, tem mais referências nos *Cultural Studies*, que procuram conciliar materialismo e ideologia, utilizando, por exemplo, o conceito de hegemonia (De Lauretis, 2007). As teorias *queer of color* inspiram-se, em grande parte, no *feminism of color* e no feminismo do “Terceiro Mundo estadunidense”, que se inscreve em uma lógica materialista, ainda que, em seguida, incorpore reflexões pós-modernas (Bacchetta; Falquet; Alarcón, 2011).

Neste artigo, meu objetivo é desenvolver a segunda abordagem, isto é, interesse-me pelas reflexões recentes que, explicitamente, buscam articular o pensamento *queer* com o pensamento materialista ou marxista. Daí emerge uma “virada econômica” ou “materialista” na literatura e no ativismo *queer* do final dos anos 2000, por meio de uma progressiva atenção às desigualdades no âmbito do movimento LGBTQI,<sup>3</sup> que marca principalmente os *queer of color*, os quais, a partir de suas experiências de subalternidade, colocam a questão das desigualdades de classe (*Social Text*, 2005). Desenvolve-se igualmente uma crítica ao neoliberalismo e uma reflexão sobre as dinâmicas de regulação estatal e capitalista das sexualidades. Se a reflexão sobre as desigualdades econômicas nem sempre está inscrita em uma análise materialista,<sup>4</sup> parece, entretanto, que diversos escritos *queer* retomam conceitualizações materialistas e, com frequência, até marxistas, a fim de evidenciar a relação entre heteronormatividade e capital. A “virada econômica” *queer* é, assim, em grande medida, ligada a uma “virada materialista” e, sobretudo, a uma “virada marxista”, embora ela não se reduza a isso.

2 Para uma análise das fontes e das influências intelectuais de Judith Butler, ver Salih (2002, p.5-7) apud Baril (2005, p.70).

3 Utilizo o acrônimo LGBTQI para designar o movimento de lésbicas, gays, bissexuais, trans, *queer*, intersexuais. Evidentemente que essa sigla generalizante não dá conta do fato de que as lutas de cada uma dessas “identidades” nem sempre formam um todo coerente. O pensamento e a militância *queer* são definidos aqui como forma radical de uma militância LGBTQI, quer dizer, uma tentativa de ultrapassar as políticas identitárias cuja carga revolucionária perdeu fôlego nos movimentos LGBT durante os anos 1980.

4 Esse é, por exemplo, o caso de autoras e autores da revista *A New Queer Agenda*; ver mais precisamente abaixo, na descrição do *corpus*.

Na perspectiva materialista que adoto, é importante compreender que mudanças teóricas estão ligadas a contextos econômicos e sociais particulares. Além da importância das relações de poder no âmbito do movimento universitário e militante (Shapiro, 2004), essa virada se explica pelo crescimento das desigualdades dentro da comunidade LGBTQI, ligado à crise econômica, mas também às consequências de um movimento gay *mainstream* que promove, desde os anos 1980, uma política centrada na aquisição de direitos formais. Muitas(os) autoras(es) (Eng; Halberstam; Muñoz, 2005) observam que, preocupando-se apenas com a desigualdade civil, as reivindicações mais radicais não são encaminhadas (contra a exploração capitalista ou as políticas racistas e imperialistas). Dessa forma, as pessoas LGBTQI mais marginalizadas são negligenciadas. Lisa Duggan e Richard Kim ressaltam que, nos Estados Unidos, a distância aumentou. De um lado, encontram-se gays e lésbicas que pleiteiam pelo casamento e, de outro, as políticas *queer* que contestam as desigualdades vinculadas à privatização da família, ao Estado imperialista e ao mercado neoliberal (Duggan; Kim, 2011-2012). Marie-Hélène Bourcier faz a mesma constatação no que concerne à situação francesa (Bourcier, 2011, p.299). Kenyon Farrow observa que a política pela igualdade civil deixa atualmente de lado muitas pessoas *queer* que sofrem diferentes tipos de violência: de raça, de classe, acometidas pela aids, por parte da polícia etc. (Farrow, 2011-2012).

A virada econômica/materialista é muito mais expressiva no meio anglo-saxônico. Essas reflexões são particularmente desconhecidas na França, dado que, com frequência, não são traduzidas. Distingo dois tipos de *corpus*. O primeiro é aquele dos marxistas *queer*, como Alan Sears (2005; 2010; 2013), Kevin Floyd (2013), Rosemary Hennessy (1994; 1995; 2006) e outros, cujos artigos foram sobretudo publicados na revista americana *Rethinking Marxism*.<sup>5</sup> O segundo *corpus* é aquele composto por pessoas que trabalham com a questão do neoliberalismo a partir de uma perspectiva *queer* radical, como Lisa Duggan e John d’Emilio. Estes últimos formaram um grupo, Queer for Economic Justice, e publicaram um número especial intitulado “A New Queer Agenda” na revista *Scholar & Feminist Online*.<sup>6</sup> Mas, na França, há igualmente reflexões que tratam do encontro do materialismo e do *queer*. Penso sobretudo em Maxime Cervulle (Cervulle; Rees-Roberts, 2010), Elsa Dorlin (2007; 2013), Gianfranco Rebutini (2012; 2013), Cornelia Möser (2013b) e Natacha Chetcuti (2013), entre outros.

A abordagem conceitual dessas(es) autoras(es) e militantes busca frequentemente articular uma análise foucaultiana e uma análise materialista-marxista. Elas(es) pensam, dessa forma, a constituição das subjetividades sexuais e de

5 Para um balanço mais completo dos trabalhos recentes no âmbito dos *Queer Studies* que retomam a tradição marxista, ver Floyd (2013, nota de rodapé, p.11).

6 Disponível em: <<http://sfonline.barnard.edu/a-new-queer-agenda/>>. Agradeço a Florian Vörös por ter me indicado esse número.

gênero, tanto dentro de um regime de normatização (o que Foucault chamou de sujeição dentro e pelas relações de saber-poder) quanto de um regime de acumulação capitalista que se encontra vinculado a um regime de regulação institucional. Elas(es) aliam, assim, uma análise em termos de “saber-poder” a uma reflexão que se interessa pela dominação capitalista e estatal. Para melhor explicitar essa abordagem teórica, tratarei aqui, em particular, do trabalho de Kevin Floyd, que discute a dupla conceitual marxista reificação/totalidade (ver também Éwanjé-Épée, 2014). Essas noções me parecem particularmente produtivas para compreender, de forma mais geral, as propostas das(os) autoras(es) dessa virada econômica/materialista.

Em primeiro lugar, vou expor de que maneira, segundo Floyd, a reificação capitalista age sobre o desejo como abstração no começo do século XX. Em seguida, detalharei como essa reificação tende para um processo de mercantilização e privatização das subjetividades sexuais e de gênero no neoliberalismo. Por fim, explicarei como a abordagem *queer* materialista vislumbra a emancipação por intermédio de um pensamento e de uma prática da totalidade.

## 2 – Desejo e capitalismo: a reificação como abstração

Em *La réification du désir: vers un marxisme queer*, Kevin Floyd (2013) retoma a análise foucaultiana que explica de que modo a Psicanálise, enquanto saber-poder, participa da formação das subjetividades sexuais no começo do século XX. Porém, ele aponta que é o processo de reificação próprio ao sistema capitalista que permite que a Psicanálise funcione como saber que condiciona a subjetividade sexual.

Ele associa, na verdade, a análise de Foucault àquela feita pelo marxista Lukács sobre a divisão do trabalho e a reificação que ela engendra. O capitalismo fordista, como tipo particular de acumulação do capitalismo, regula uma acentuada divisão do trabalho, que se caracteriza por uma separação entre trabalho manual e intelectual, mas também por uma especialização dos saberes. Essa divisão do trabalho é controlada por um novo saber que é o taylorismo. É nesse contexto que a Psicanálise se desenvolve como saber especializado sobre a sexualidade. Floyd faz um paralelo entre o taylorismo e a Psicanálise, uma vez que ambos exprimem a passagem de uma ciência que *classifica* os corpos, quer dizer, que hierarquiza os corpos em função de sua normalidade racial ou de sua utilidade para o trabalho, para uma ciência que *segmenta* os corpos, isto é, que dissocia diferentes propriedades corporais e expropria o saber dos corpos:

A similaridade que existe entre a progressiva substituição do confessorário pelo consultório médico e a emergência contemporânea do taylorismo é impressionante: a fábrica e o consultório médico [...] tornam-se lugares de desqualificação científica, onde o saber é expropriado dos corpos que se tornam objetos da pericia científica. A objetivação epistemológica das competências técnicas dos trabalha-

dores e a objetivação epistemológica do desejo sexual são ambas, nesse sentido, aspectos particulares de uma dinâmica capitalista mais geral de reificação, a qual foi analisada por Lukács. (Floyd, 2013, p.64-65)

Constituída como uma habilidade específica no cerne do capitalismo fordista, a Psicanálise reifica o desejo de duas formas: por um lado, ela extrai e expropria o desejo de conhecimento inerente aos próprios indivíduos; por outro, faz da sexualidade uma dimensão simbólica isolada do corpo e das relações sociais. Ela concebe o desejo como uma identidade própria ao sujeito, e não como uma prática corporal e social. Ela fala, assim, “em termos de ‘espécies’ homossexuais, mais do que de práticas sodomitas, por exemplo” (Floyd, 2013, p.58), retomando os termos de Foucault (1976, p.59).

Floyd observa igualmente que, diante da ameaça de uma crise de acumulação, “uma sobreacumulação de capital inativo, não investido, e de mão de obra ociosa, não investida” (p.68), o capitalismo fordista, que tem por base a acumulação de capital por um circuito produção/consumo muito sofisticado, acompanha a divisão do trabalho pelo desenvolvimento de uma “nova gama de indústrias de serviço”, a criação de novas necessidades, um esforço geral para administrar o consumo social. Floyd mostra assim,

como a transferência freudiana do dispositivo da sexualidade foi mediada, nos Estados Unidos, por um momento particular na história dos esforços sociais de gestão da acumulação. A institucionalização da Psicanálise como instituição e mercadoria encontra-se intimamente vinculada às repercussões estruturais e históricas do taylorismo. Uma vez que a Psicanálise faz parte de uma diferenciação emergente das indústrias de serviços, ela é um dos lugares em que o capital e o trabalho foram reinvestidos no começo do século XX. (Floyd, 2013, p.69-70)

A normatização pelo consumo se intensificou no regime fordista, provocando, assim, um posicionamento da sexualidade na esfera do consumo e dos lazeres, o que muito contribuiu para sua reificação.

Por intermédio da comercialização do conhecimento psicanalítico de si, por exemplo, o saber sexual torna-se o saber de uma temporalidade, a narrativa psicanalítica do desenvolvimento sexual [...] atribui à sexualidade uma temporalidade que a desvincula da vida social, que a apresenta como independente de outras temporalidades sociais. (Floyd, 2013, p.78)

Não somente a sexualidade se transformou em apanágio de um saber específico, mas o acesso a esse conhecimento frequentemente tornou-se pago, como mostra o exemplo de conhecimento da sexualidade pela Psicanálise.

O acesso a esse conhecimento sexual e temporal de si pode ser feito apenas por intermédio da troca das mercadorias, pelo consumo cada vez mais normatizado da Psicanálise, que desqualifica o corpo sexual de sorte que ele possa servir de meio ao intenso esforço propiciado para gerar a taxa de acúmulo. (Floyd, 2013, p.79)

Dessa forma, Floyd explica de que modo a reificação do conjunto das relações sociais no capitalismo fordista também concerne ao desejo e mostra a homossexualidade e a heterossexualidade como propriedades abstratas e objetivadas. Ele observa que a reificação e o consumismo produzem as condições que possibilitam as contestações gays e *queer*, e que a subjetividade *queer* forma-se no centro desse processo. Mas ele também ressalta como a reificação do desejo pode impedir que se conceba a mudança social, uma vez que as categorias sexuais não são percebidas como relações que se diferenciaram historicamente, mas como entidades atomizadas, externas e, portanto, herméticas à intervenção humana.

### **3 – A reificação no neoliberalismo: mercantilização e privatização das subjetividades sexuais e de gênero**

O processo de reificação no capitalismo fordista criou as condições de possibilidade para que um processo de mercantilização e de privatização participasse da constituição das identidades sexuais e de gênero no neoliberalismo.<sup>7</sup> Kevin Floyd explica de que maneira o neoliberalismo é uma nova estratégia de acumulação que responde à crise do fordismo. Essa estratégia dá prioridade à acumulação de curto prazo, já que ela faz da instabilidade social gerada pela crise do fordismo uma fonte de lucro, ao contrário do fordismo, que apostava na constituição de formações “culturais” estáveis e organicamente estruturadas a longo prazo. Nesse sentido, o neoliberalismo desenvolve novas ferramentas de acumulação de capital, que são as privatizações e as lógicas de atomização (Floyd, 2013, p.265-268).

A mercantilização/privatização das subjetividades sexuais e de gênero é uma regulação dos sujeitos ao mesmo tempo “micro” e “macro”: regulação normativa dos corpos e dos desejos, mas igualmente regulação institucional de grupos sociais mais ou menos “desejáveis”.

A mercantilização torna as subjetividades sexuais e de gênero identidades que podem ser adquiridas por intermédio do consumo. Rosemary Hennessy (1995) e Alan Sears (2005) interessam-se pela forma como o neoliberalismo, que em geral coloniza o conjunto dos campos sociais de maneira a torná-los mercantis, investiu

---

7 “Há um estilo econômico do desenvolvimento capitalista que se impôs a partir dos anos 1970 em oposição ao estilo keynesiano e fordista; a desregulação, a nova geografia do capital, a redistribuição de riquezas, a reorganização do trabalho (flexibilização, precarização), a financeirização e o processo de endividamento que é solidário, a ascensão de formas culturais manifestamente mais afins ao consumismo e ao desenfreado enriquecimento pessoal traçam uma certa forma de mundo. O termo neoliberalismo permite, em primeira análise, levar esses fenômenos em consideração, de uma forma geral” (Haber, 2012, p.66, apud Sauvêtre, 2013, p.760).

particularmente nas identidades sexuais e de gênero, para torná-las “estilos de vida” (*lifestyle*) que se caracterizam por um conjunto de bens e de práticas à venda, a ser consumidos de forma individual. Um conjunto de bares, lojas, produtos, roupas, viagens etc. constitui um *pink market* que toma parte na construção de uma subjetividade LGBTQI perceptível.

Se é possível observar que as práticas de consumo contribuíram, antes da fase neoliberal, para a criação de uma identidade LGBTQI comum e para sua visibilidade, convém diferenciar em que medida essas formas de consumo são alternativas ao mercado capitalista, *underground*,<sup>8</sup> ou encontram-se a ele integradas. A mercantilização das subjetividades no quadro da “racionalidade neoliberal”, segundo a expressão de Wendy Brown (2004; 2007), indica não somente a penetração da lógica mercantil na relação que o indivíduo mantém com o seu corpo e com o seu desejo – e, logo, a transformação dos sujeitos em “sujeitos de valor”<sup>9</sup> –, mas também a vinculação dessa mercantilização aos circuitos de produção de consumo capitalista.

Se estratégias de subversão podem existir dentro do sistema de consumo capitalista,<sup>10</sup> isso não impede que a mercantilização das identidades LGBT (mas a observação é válida de forma mais geral para a mercantilização do conjunto das identidades – e do desejo – no neoliberalismo) engendre fortes desigualdades: pessoas que não têm recursos não podem adquirir essa identidade que condiciona, contudo, sua visibilidade e reconhecimento. A mercantilização torna assim “invisíveis” aquelas(es) que não podem consumir suficientemente ou corretamente.

O regime de consumo se inscreve plenamente, dessa forma, em uma homonormatividade<sup>11</sup> – quer dizer, em uma normatização das identidades LGBTQI. Esse regime traça não apenas os contornos dessas identidades reificadas, mas indica também as maneiras de performá-las. Essa definição exclui, é claro, as pessoas mais pobres, especificamente as mulheres,<sup>12</sup> e as pessoas idosas, as trans, as estigmatizadas, como as portadoras de deficiência, e as racializadas. Alan Sears observa:

8 Kevin Floyd descreve de que maneira, depois da Segunda Guerra Mundial, desenvolveu-se um circuito de mercantilização gay e lésbico que permitiu lutar contra o isolamento deles.

9 “Mas trata-se também de um horizonte historicamente situado, que define lésbicas e gays como ‘sujeitos de valor’ – como sublinhou Paul Smith –, quer dizer, como sujeitos aos quais o Estado keynesiano cuida acordar apenas direitos que estão em conformidade com a crescente normatização da propriedade de consumo próprio ao neoliberalismo” (Floyd, 2013, p.271).

10 Kevin Floyd insiste bastante na formação das subjetividades *queer* no cerne desse regime de consumo. Ver também um exemplo de subversões possíveis a partir do consumo de *sex toys* em Sal e Levy (2011).

11 Essa noção foi concebida por Lisa Duggan. Gianfranco Rebutini dá uma breve definição dessa noção em Rebutini (2013, p.76).

12 “Mulheres são menos passíveis de ter acesso a um cenário comercial público lésbico como consequência da divisão predominantemente generificada do trabalho, que tende a oferecer às mulheres uma posição econômica inferior e uma maior probabilidade de ter responsabilidades domésticas ‘privadas’” (Sears, 2005, p.105).

Pessoas *queer* com rendas limitadas são invisíveis porque elas não podem adentrar no reino mercantil da visibilidade gay/lésbica. De fato, Hollibaugh argumenta que as pessoas *queer* com frequência são particularmente vulneráveis à pobreza. “Pobreza e privação absoluta podem acometer qualquer pessoa – e quanto mais *queer* você é, menos redes de segurança existem para sustentá-lo ou mantê-lo afastado do abismo. A condição *queer* intensifica a pobreza e determina a dificuldade em lidar com o sistema de serviço social”. (Hollibaugh, 2001 apud Sears, 2005, p.105)

Essas precisões questionam a utilização do termo LGBTQI, que engloba situações muito diversas, sobretudo da perspectiva das desigualdades socioeconômicas. Sobre isso, Rosemary Hennessy e Alan Sears ressaltam como essa mercantilização das identidades LGBTQI reifica as relações de trabalho que a sustentam, quer dizer, como ela dissimula as relações sociais de classe, raça e gênero nas quais se baseia a produção dessas mercadorias. Se essas relações de classe sempre existiram, e decerto não são uma particularidade do neoliberalismo, é preciso ressaltar que o desenvolvimento do *pink market* não apenas as exacerba, mas tem as mesmas por base.

Uma investigação do impacto das relações de mercado nas características das comunidades lésbica e gay vai além da questão do acesso ao tipo de negócios que organiza o espaço *queer*. Esses negócios (bares, cafês, lojas, restaurantes, indústrias fashion e de beleza) são eles mesmos locais de trabalho organizados por classe. Seria preciso dispor de mais pesquisas acerca das relações sociais específicas da economia de serviço *queer*. Importa que esses lugares são sustentados pelo emprego de trabalhadores que exercem serviços com baixa remuneração (embora seja necessário mais investigação), que podem estar dispostos a aceitar um salário mais baixo do que ganhariam em outro lugar em troca de um relativo conforto de trabalhar em um espaço *queer*. (Sears, 2005, p.105-106)

Kevin Floyd e Alan Sears observam que o desenvolvimento desse consumo homonormativo, que pode aparentar uma forma de inclusão positiva de pessoas LGBTQI no capitalismo, é corolário da privatização dos espaços *queer*. O neoliberalismo e a especulação imobiliária que ele engendra produziram, por exemplo, a desintegração e o aburguesamento dos bairros e dos locais de consumo *queer*. Os bairros são, cada vez mais, ocupados pelas classes médias e altas, os preços (dos aluguéis, assim como dos locais de consumo) aumentam, e gays e lésbicas de classe popular e/ou *of color* e trans são expulsos. Cedem espaço a uma categoria de gays ricos e brancos (sobretudo homens) que, além do mais, farão “turismo étnico” nos bairros *queer of colors* mais periféricos.

Esse processo conduziu, em particular, ao fechamento e/ou à redefinição dos bares e locais de consumo *LGBT-friendly* pelo liberalismo, assim como ao desaparecimento dos espaços públicos e gratuitos (sobretudo os locais de paquera e/ou

de sociabilidade e de contestação gay e lésbica), que se formam “entre” e a partir desses lugares de consumo. “No mesmo momento em que anúncios gigantescos da Calvin Klein, que se valiam do erotismo homossexual, eram exibidos na Times Square, o município de Nova York conseguia fechar a maioria dos locais de sexualidade pública nos arredores” (Floyd, 2013, p.275). Esse movimento leva a uma privatização das práticas sexuais e a consequências particularmente desiguais sobre as formas de sociabilidade e de existência *queer*.

Floyd, valendo-se do trabalho de Martin Manalansan (2005), descreve a privatização, por golpes de especulação imobiliária, favorecidos por instâncias políticas, do bairro de Christopher Street, em Nova York, espaço de sociabilidade de pessoas *queer of colors*. As(os) *queer of colors* foram expulsas(os) desse lugar, sendo assim privadas(os) da possibilidade de se encontrar e de viver sua sociabilidade e existência *queer*. Cúmulo da lógica de privatização: depois da expulsão das(os) *queer of colors*, um turismo cultural para gays brancos e abastados floresceu nesse mesmo bairro (Floyd, 2013, p.281-282).

Floyd e Sears mostram, assim, como o estabelecimento de normas do mercado não pode se dar sem a dissolução de formas que lhe são alternativas e como esse isolamento se realiza graças à ação do Estado.

A inclusão publicitária e publicitada das minorias sexuais e de gênero no neoliberalismo se dá essencialmente em nome do lucro e a publicidade serve-se dos corpos *queer* masculinos<sup>13</sup> para criar e seduzir um novo segmento de consumidores. Além disso, ela recria fortes desigualdades, dado que instaura uma nova estratificação social a partir de diferentes formas de masculinidade que lhe são resultantes. Esse processo se dá com o auxílio de uma violência de Estado aliada às forças do neoliberalismo, sobretudo por intermédio das políticas de gentrificação respaldadas pelos municípios.

#### **4 – A emancipação *queer* por meio da totalidade social e da articulação das lutas**

Para Kevin Floyd, as “formações *queer*” almejam um modo de totalidade social, isto é, uma concepção que reconecte o sexual e o social, contra a reificação do sexual, e vislumbram mundos comuns *queer*, contra a privatização do sexual (no sentido ao mesmo tempo de restrição do sexual a uma prática íntima e de colonização do sexual pelo capitalismo e pelo Estado).

13 “É muito menos comum encontrar tais nichos de mercado orientados para um público lésbico do que para homens gays. Danae Clark (1991, p.182) argumenta que as lésbicas não foram de fato tomadas como alvos enquanto grupo de consumo, uma vez que elas não tendem a ser economicamente fortes e tampouco identificadas enquanto tais. Mas, ainda que elas não contem com um nicho de mercado espacialmente identificado, novas formas de estilo lésbico foram desenvolvidos nos anos 1990, com frequência entendidas como uma contraoposição à hostilidade lésbico-feminista do estilo mercadológico precedente (Clark, 1991, p.184-185)” (Sears, 2005, p.105).

Contra a reificação da sexualidade, as teorias e práticas *queer* aspiram a uma compreensão da totalidade social a partir de um ponto de partida singular, de uma subjetividade histórica e socialmente produzida. Elas revelam, assim, a possibilidade de uma crítica dessa totalidade (o capitalismo) a partir de suas próprias subjetividades, que são atravessadas e produzidas por diferentes relações sociais. As práticas e teorias *queer*, visando a totalidade, militam, assim, para a transformação do sistema de opressão e de dominação. O pensamento da totalidade materializa-se nas reivindicações *queer* globais e em uma vontade de construir coalizões políticas amplas. Os autores *queer* materialistas dos Estados Unidos, que escreveram notadamente no número “A New Queer Agenda” da *Scholar & Feminist Online*, não trazem apenas reivindicações em prol da aquisição de direitos formais ou contra as discriminações, mas também na defesa de uma emancipação “material” que passa pela justiça econômica ou pelo acesso à saúde para todas e todos. Para isso, eles defendem a construção de coalizões políticas *queer* e feministas, anticapitalistas, anti-imperialistas etc. Ressaltam a necessidade de não negar as diferenças (de raça, de classe, de gênero etc.), mas afirmam que é justamente recusando as particularizações que se pode levar em conta a articulação das diferenças (Duggan, 2011-2012).

As formações *queer* representam uma contra-hegemonia à reificação, na medida em que consideram as lutas *queer* como lutas que não são apenas “identitárias”, “simbólicas”, “culturais”, mas também “materiais”. Essa política *queer* mostra que a oposição “cultural/econômica”, ou “reconhecimento/redistribuição”, segundo os termos de Nancy Fraser, é absolutamente impertinente. Essa dicotomia reproduz, pelo contrário, uma divisão liberal e capitalista que despolitiza por completo as questões ditas “culturais”, uma vez que as individualizam e as relegam à esfera privada e comercial; dando a entender assim que as reivindicações que lhes concernem podem ser distintas das mudanças sociais e econômicas mais amplas.

Seria mais interessante pensar nas “relações sociais de sexualidade”, como diz Gianfranco Rebutini:

Como a raça, a classe, a etnicidade, a idade, as identidades sexuais funcionam como marcadores de distinção social. Não se trata aqui de identidade ou de cultura que mereceriam apenas o respeito, ou ainda pior, a tolerância, mas realmente relações sociais a partir das quais nossa sociedade distribui vantagens e privilégios que não são apenas de ordem simbólica, mas também de ordem material. (Rebutini, 2013)

Essa noção de “relações sociais” permite pensar o aspecto igualmente material da dominação das pessoas LGBTQI, elemento que, para parte dessas pessoas, é traduzido por uma forte precariedade econômica. A reflexão *queer* materialista leva em consideração essas desigualdades, ressaltando como elas são determinadas pela articulação de diferentes relações sociais. Gianfranco Rebutini retoma um

estudo<sup>14</sup> que indica que, na França, homens gays ganham menos que os homens heterossexuais com a mesma competência (a amplitude dessa discriminação varia de aproximadamente 6,5% no setor privado a 5,5% no setor público), e que gays e lésbicas se encontram com frequência em condições econômicas precárias por causa da homofobia e da lesbofobia. No que se refere ao contexto estadunidense, Joseph Defilippis (2011-2012) indica que as pessoas LGBT's *of colors* são mais pobres do que as pessoas LGBT's brancas, mas também mais pobres do que casais heterossexuais em geral, e que as pessoas trans representam a parcela mais pobre da comunidade LGBTQI: cerca de 65% delas vivem na pobreza.

## Conclusão

Acredito que essas análises abrem pistas que devem ser aprofundadas em busca da construção de uma aliança entre feminismo materialista e teorias e práticas *queer*.

Ao contrário de certas feministas materialistas que consideram as lutas e teorias *queer* como algo que promoveria um engajamento puramente individual, ou mesmo individualista e liberal, e como uma perspectiva que renaturaliza a sexualidade e o gênero, a virada materialista-marxista *queer* reafirma a radicalidade das abordagens *queer* e seus pontos em comum com o feminismo materialista; adotando uma perspectiva construtivista do gênero e da sexualidade, mostrando não apenas o caráter discursivamente, mas também social e economicamente, construído das subjetividades sexuais e de gênero, defendendo uma transformação social e econômica radical. As análises que se inscrevem nessa virada ressaltam, em particular, o modo como a sexualidade, longe de estar separada dos demais campos sociais, encontra-se inteiramente vinculada à dominação de gênero, de raça e de classe, e isso em contextos históricos determinados, marcados, sobretudo, por modos de acumulação do capital específicos.

Assim como as reflexões sobre a consubstancialidade e a coextensividade das relações sociais (Kergoat, 2009) – tais como aquelas sobre o patriarcado como modo específico de exploração das mulheres (Delphy, 2002) – continuam sendo indispensáveis para nossas lutas feministas, acredito que as análises “*queer* materialistas” nos são igualmente preciosas. Conservando as contribuições das abordagens pós-estruturalistas, elas percebem a constituição das subjetividades de gênero e de sexualidade como inseridas não apenas na esfera das relações de produção, mas também dos regimes de saber-poder. Mais particularmente, a virada marxista *queer* desenvolve interessantes considerações para nossas perspectivas feministas, pois complementa um entendimento da divisão sexual do trabalho no contexto da globalização neoliberal com uma leitura da subjetivação sexual

14 Laurent Thierry e Ferhat Mihoubi, “Moins égaux que les autres? Orientation sexuelle et discrimination salariale en France”, documento de pesquisa EPEE (Centro de Estudos de Políticas Econômicas da Universidade de Évry), dez. 2009. Disponível em: <<http://pseweb.eu/ydepot/semin/texte0910/LAU2010MOI.pdf>>.

e de gênero no seio desse sistema e com uma releitura do conceito de totalidade capitalista.

**Nota da autora:** as preciosas e numerosas observações feitas por Fanny Gallot e por Gianfranco Rebutini permitiram que o texto inicial fosse alterado. Eu lhes agradeço muito pelos comentários extremamente interessantes.

### Referências bibliográficas

- BACHETTA, Paola; FALQUET, Jules; ALARCÓN, Norma (eds.). Théories féministes et queers décoloniales. *Les Cahiers du CEDREF*, Paris, n.18, 2011.
- BARIL, Audrey. *Judith Butler et le féminisme postmoderne: analyse théorique et conceptuelle d'un courant controversé*. Sherbrooke, 2005. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Université de Sherbrooke.
- BOURCIER, Marie-Hélène. La fin de la domination (masculine): pouvoir des genres, féminismes et post-féminisme queer. *Multitudes: Revue Politique, Artistique, Philosophique*, n.12, 2003, p.69-80. Disponível em: <<http://www.multitudes.net/La-fin-de-la-domination-masculine>>.
- \_\_\_\_\_. *Queer Zones 3: identités, cultures et politiques*. Paris: Éditions Amsterdam, 2011.
- BROWN, Wendy. Néo-libéralisme et fin de la démocratie. *Vacarme*, n.29, 2 out. 2004, p.86-93. Disponível em: <<http://www.vacarme.org/article1375.html>>.
- \_\_\_\_\_. *Les habits neufs de la politique mondiale: néolibéralisme et néo-conservatisme*. Paris: Les Prairies Ordinaires, 2007 (col. “Penser/Croiser”).
- CE QUE le tournant postmoderne a fait au féminisme. *Agone*, Marselha, n.43, 2010, p.7-23.
- CERVILLE, Maxime; REES-ROBERTS, Nick. Matérialisme queer. In: *Homo exoticius: race classe et critique queer*. Paris: Armand Colin, 2010.
- CHETCUTI, Natacha. *De la critique de la catégorisation de sexe à la déconstruction des genres: une approche “matérialiste postmoderne” est-elle possible?* In: CONGRES INTERNATIONAL DE ASSOCIATION FRANÇAISE DE SOCIOLOGIE, 5, 2-5 set. 2013, Nantes. Disponível em: <<http://webtv.univ-nantes.fr/fiche/3655/genre-et-dominance>>.
- CLARK, Danae. Commodity Lesbianism. *Camera Obscura: Feminism, Culture, and Media Studies*, v.9, n.25-26, set. 1991, p.181-201.
- DEFILIPPIS, Joseph N. Introduction (A New Queer Agenda). *The Scholar & Feminist Online*, v.10.1-10.2, 2011-2012. Disponível em: <<http://sfoonline.barnard.edu/a-new-queer-agenda/introduction/>>.
- DE LAURETIS, Teresa. *Théorie queer et cultures populaires: de Foucault à Cronenberg*. Paris: La Dispute, 2007 (col. “Le Genre du Monde”).
- DELPHY, Christine. *L'ennemi principal: économie politique du patriarcat*. v.1. Paris: Syllepse, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Genre et race: des systèmes sociaux comparables*. In: CONGRES INTERNATIONAL DES RECHERCHES FEMINISTES FRANCOPHONES, 6, 29 ago. a 2 set. 2012, Université de Lausanne. Disponível em: <<http://www3.unil.ch/wpmu/rff2012/programme-complet/programme-par-type/conferences/>>.

- D'EMILIO, John. Creating Change (A New Queer Agenda). *The Scholar & Feminist Online*, v.10.1-10.2, 2011-2012. Disponível em: <<http://sfoonline.barnard.edu/a-new-queer-agenda/creating-change/>>.
- DORLIN, Elsa. Le Queer est un matérialisme. In: TRAT, Josette. *Femmes, genre, féminisme*. Paris: Éditions Syllepse, 2007 (col. "Les Cahiers de Critique Communiste"). p.47-58.
- \_\_\_\_\_. *Le sexe comme marchandise: queeriser le marxisme avec Gayle Rubin*. In: JOURNÉE D'ÉTUDE SUR "FÉMINISMES ET GUERRES DU SEXE. AUTOUR DE GAYLE RUBIN", 21 jun. 2013, EHESS, Paris. Disponível em: <[http://www.canal-u.tv/video/ehe3\\_feminismes\\_et\\_guerres\\_du\\_sexe\\_autour\\_de\\_gayle\\_rubin.12713](http://www.canal-u.tv/video/ehe3_feminismes_et_guerres_du_sexe_autour_de_gayle_rubin.12713)>.
- DUGGAN, Lisa. *The Twilight of Equality? Neoliberalism, Cultural Politics, and the Attack on Democracy*. Boston: Beacon Press, 2004.
- \_\_\_\_\_. After Neoliberalism? From Crisis to Organizing for Queer Economic Justice (A New Queer Agenda). *The Scholar & Feminist Online*, v.10.1-10.2, 2011-2012. Disponível em: <<http://sfoonline.barnard.edu/a-new-queer-agenda/after-neoliberalism-from-crisis-to-organizing-for-queer-economic-justice/>>.
- DUGGAN, Lisa; KIM, Richard. Preface (A New Queer Agenda). *The Scholar & Feminist Online*, v.10.1-10.2, 2011-2012. Disponível em: <<http://sfoonline.barnard.edu/a-new-queer-agenda/preface/>>.
- ENG, David L.; HALBESTRAM, Judith; MUÑOZ, José Esteban. What's Queer About Queer Studies Now? *Social Text*, Durham, Duke University Press, v.23, n.3-4 (84-85), 2005.
- EPSTEIN, Barbara. Pourquoi le poststructuralisme est une impasse pour le féminisme? *Agone*, Marselha, n.43, 2010, p.85-107.
- ÉWANJÉ-ÉPÉE, Félix Boggio. Les trajectoires féministes et *queer* de la réification. In: CHANSON, Vincent; CUKIER, Alexis; MONFERRAND, Frédéric. *La réification: histoire et actualité d'un concept critique*. Paris: La Dispute, 2014.
- FARROW, Kenyon. Afterword: a Future Beyond Equality (A New Queer Agenda). *The Scholar & Feminist Online*, v.10.1-10.2, 2011-2012. Disponível em: <<http://sfoonline.barnard.edu/a-new-queer-agenda/afterword-a-future-beyond-equality/>>.
- FLOYD, Kevin. *La réification du désir: vers un marxisme queer*. Trad. Myriam Dennehy, Charlotte Nordmann, Clémence Garrot e Marion Duval. Paris: Éditions Amsterdam, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité: la volonté de savoir*. v.1. Paris: Gallimard, 1976. [Ed. bras.: *História da sexualidade: a vontade de saber*. v.1. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.]
- GUILLAUMIN, Colette. Pratique du pouvoir et idée de nature: l'appropriation des femmes. *Questions Féministes*, n.2, 1978, p.5-30.
- HABER, Stéphane. Analyser le néolibéralisme aujourd'hui. *La Revue des Livres*, n.4, mar./abr. 2012, p.60-67.
- HENNESSY, Rosemary. Queer Theory, Left Politics. *Rethinking Marxism*, v.7, n.3, 1994, p.85-111.
- \_\_\_\_\_. Queer Visibility in Commodity Culture. In: NICHOLSON, Linda; SEIDMAN; Steven (eds.). *Social Postmodernism: Beyond Identity Politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p.142-185.

- HENNESSY, Rosemary. Returning to Reproduction Queerly: Sex, Labor, Need. *Rethinking Marxism*, v.18, n.3, 2006, p.387-395.
- HOLLIBAUGH, Amber. Queers without Money. *The Village Voice*, Nova York, 19 jun. 2001. Disponível em: <<http://www.villagevoice.com/2001-06-19/news/queers-without-money/>>.
- KERGOAT, Danielle. Dynamique et consubstantialité des rapports sociaux. In: DORLIN, Elsa (org.). *Sexe, race, classe: pour une épistémologie de la domination*. Paris: PUF, 2009 (col. “Actuel Marx Confrontation”). p.111-127.
- MANALANSAN, Martin Fajardo. Race, Violence and Neoliberal Spatial Politics in the Global City. *Social Text*, Durham, Duke University Press, v.23, n.3-4 (84-85), 2005, p.141-155.
- MATHIEU, Nicole-Claude. Dérive du genre/stabilité des sexes. In: CHETCUTI, Natacha; MICHARD, Claire (orgs.). *Lesbianisme et féminisme: histoires politiques*. Paris: L'Harmattan, 2003 (col. “Bibliothèque du Féminisme”). p.291-311.
- MCRUER, Robert. Crippling Queer Politics, or the Dangers of Neoliberalism (A New Queer Agenda). *The Scholar & Feminist Online*, v.10.1-10.2, 2011-2012. Disponível em: <<http://sfonline.barnard.edu/a-new-queer-agenda/cripping-queer-politics-or-the-dangers-of-neoliberalism/>>.
- MÖSER, Cornelia. *Féminismes en traduction: théories voyageuses et traductions culturelles*. Paris: Éditions des Archives Contemporaines, 2013a.
- \_\_\_\_\_. *Déconstruire le capitalisme? Critique queer féministe de l'économie*. In: SÉMINAIRE QUE FAIT LE FÉMINISME À LA PENSÉE CRITIQUE?, 12 abr. 2013b, Bibliothèque de l'Arsenal, Paris. Disponível em: <<http://networkedblogs.com/J2iJn>>.
- REBUCINI, Gianfranco. “Mariage pour tous” et émancipation sexuelle: pour une autre stratégie politique. *Contretemps: Revue de Critique Communiste*, 3 dez. 2012. Disponível em: <<https://www.contretemps.eu/mariage-pour-tous-et-emancipation-sexuelle-pour-une-autre-strategie-politique/>>.
- \_\_\_\_\_. Homonationalisme et impérialisme sexuel: politiques néolibérales de l'hégémonie. *Raisons Politiques*, v.1, n.49, 2013, p.75-93.
- SAL, Lisbeth; LEVY, Pascal. Les jouets indiscrets: de quoi parlent les sex toys? *Contretemps: Revue de Critique Communiste*, 26 out. 2011. Disponível em: <<http://www.contretemps.eu/interventions/jouets-indiscrets-quoi-parlent-sex-toys>>.
- SALIH, Sara. *Judith Butler*. Nova York/Londres: Routledge, 2002. [Ed. bras.: *Judith Butler e a teoria queer*. Trad. e notas Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.]
- SAUVÊTRE, Pierre. *Crises de gouvernementalité et généalogie de l'état aux XXe et XXIe siècles: recherche historico-philosophique sur les usages de la raison politique*. Paris, 2013. Dissertação (PhD em Ciência Política) – Programme Doctoral Pensée Politique, Ecole Doctorale de Sciences Po, Institut d'Études Politiques de Paris.
- SEARS, Alan. Queer Anti-Capitalism: What's Left of Lesbian and Gay Liberation? *Science & Society*, v.69, n.1, jan. 2005, p.92-112.
- \_\_\_\_\_. A Queer View of Capitalism in Crisis. *GLQ: a Journal of Lesbian and Gay Studies*, Durham, v.16, n.3, 2010, p.476-478.
- \_\_\_\_\_. Entretien réalisé par LOUP, Tiziana. *Contretemps: Revue de Critique Communiste*, 2013. Disponível em: <<http://www.contretemps.eu/interviews/ce-que-théories-queer-peuvent-apporter-marxisme-réciproquement-retour-sur-parcours-milita>>.

SHAPIRO, Stephen. Marx to the Rescue! Queer Theory and the Crisis of Prestige. *New Formations*, n.53, 2004, p.77-90.

WITTIG, Monique. *La pensée straight*. Paris: Éditions Amsterdam, 2007.

## Resumo

Este artigo se propõe a analisar as contribuições teóricas e militantes da corrente marxista *queer*. Proponho um debate sobre as possíveis articulações entre a teoria *queer* e o feminismo materialista francês, a partir das reflexões recentes no âmbito dos estudos *queer*. Ressalto em que medida essas reflexões podem nutrir possíveis vínculos entre *queer* e feminismo materialista no contexto francês e mostro de forma geral o encontro político e teórico entre um pensamento do assujeitamento e da exploração. Procuro mostrar que o marxismo *queer* pensa a constituição das subjetividades sexuais e de gênero tanto como um regime de normalização quanto num regime de acumulação capitalista que é ligado a um regime de regulação institucional. Busco ainda evidenciar como a discussão sobre a dupla conceitual marxista reificação/totalidade é uma reflexão sobre a dominação capitalista, especificando assim qual é a regulação das subjetividades sexuais e de gênero próprias ao neoliberalismo.

**Palavras-chave:** *queer*; feminismo materialista; subjetividades sexuais; marxismo.

## Abstract

This article aims to analyze the theoretical and militant contributions of the queer Marxist tradition. I propose a debate on the possible links between queer theory and French materialist feminism, based on the recent reflections in queer studies. I emphasize the extent to which these reflections can nourish possible links between queer and materialist feminism in the French context. I also explore the political and theoretical encounter between subjection and exploitation. I try to show that queer Marxism thinks of the constitution of sexual and gender subjectivities as both a normalization regime and a regime of capitalist accumulation that is linked to a regime of institutional regulation. I try to show how the discussion about the Marxist concepts of reification/totality is a reflection on capitalist domination, thus specifying what is the regulation of sexual and gender subjectivities proper to neoliberalism.

**Keywords:** *queer*; materialist feminism; sexual subjectivities; marxism.